
O brutalismo na Arquitetura brasileira e sua influência no Campus Darcy Ribeiro

Brutalism in brazilian architecture and it's influence on the Darcy Ribeiro Campus.

Bruna Stefani Dall Agnol

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2858-8073>

Universidade de Brasília, Brasil

E-mail: brunadall99@gmail.com

João da Costa Pantoja

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0763-0107>

Universidade de Brasília, Brasil

E-mail: joaopantoja@gmail.com

Pedro Gomes Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8311-0470>

Universidade de Brasília, Brasil

E-mail: 222001082@aluno.unb.br

Érika Stella Silva Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5351-3753>

Universidade de Brasília, Brasil

E-mail: martois.stella@gmail.com

RESUMO

O estudo visa discorrer sobre a influência arquitetônica do brutalismo na idealização de Brasília e do Campus Darcy Ribeiro da UnB, permeando o surgimento do brutalismo na Europa pós-Segunda Guerra, como ele influenciou arquitetos modernistas brasileiros e como essa influência moldou obras icônicas no Brasil. No Brasil, essa tendência foi adotada por João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha. No Campus Darcy Ribeiro da UnB, a influência brutalista se manifesta na racionalidade e na robustez das edificações, integrando a estética do movimento com a funcionalidade requerida por um ambiente educacional. Se utilizando de livros, revistas, entrevistas e outros artigos científicos, os dados coletados foram organizados de forma que contassem uma história iniciada no surgimento do brutalismo como conceito e estética até sua influência no Campus Darcy Ribeiro. Este estudo não apenas explora a evolução do brutalismo, mas também destaca sua importância no contexto brasileiro, reforçando a necessidade de preservar e compreender essas contribuições arquitetônicas para as gerações futuras.

Palavras-chave: Arquitetura 1; Brutalismo 2; Brasília 3; Campus Darcy Ribeiro 4.

ABSTRACT

The study aims to discuss the architectural influence of brutalism in the design of Brasília and the Darcy Ribeiro Campus of UnB, permeating the emergence of brutalism in post-World War II Europe, how it influenced Brazilian modernist architects and how this influence shaped iconic works in Brazil. In Brazil, this trend was adopted by João Batista Vilanova Artigas and Paulo Mendes da Rocha. At the Darcy Ribeiro Campus of UnB, the brutalist influence is manifested in the rationality and robustness of the buildings, integrating the aesthetics of the movement with the functionality required by an educational environment. Using books, magazines, interviews and other scientific articles, the collected data were organized in such a way as to tell a story that began with the emergence of brutalism as a concept and aesthetic until its influence on the Darcy Ribeiro Campus. This study not only explores the evolution of brutalism, but also highlights its importance in the Brazilian context, reinforcing the need to preserve and understand these architectural contributions for future generations.

Keywords: Architecture 1; Brutalism 2; Brasilia 3; Darcy Ribeiro Campus 4.

INTRODUÇÃO

A ascensão do brutalismo se deu como uma resposta às condições específicas do pós-Segunda Guerra Mundial, oferecendo uma estética e uma abordagem arquitetônica que eram consideradas adequadas para uma era de reconstrução e renovação, definindo-se por uma audácia inovadora na manipulação dos materiais de construção e indo contra fundamentos da arquitetura tradicional em busca de uma expressão mais moderna.

Ruth Zein (2005) classifica “o novo brutalismo” como a fase mais proeminente do brutalismo, sendo ele caracterizado pelo uso extensivo do concreto, pela exposição desse material e pela simplificação nas formas, sendo muitos edifícios nesse período massivos e monolíticos. Dentre os maiores influenciadores do movimento temos como os mais proeminentes os arquitetos britânicos Alison e Peter Smithson, cuja inspiração remonta à *Unités d’Habitation* de Le Corbusier em Marselha.

No Brasil, o brutalismo encontrou solo fértil nas décadas de 1950 e 1960, impulsionado por influências internacionais e arquitetos modernistas como João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha. Esses arquitetos deixaram um legado marcante, abraçando uma arquitetura funcionalista e socialmente engajada, evidente em obras emblemáticas como o Edifício Louveira (Figura 01) e o Museu Brasileiro da Escultura (Figura 02).

Figura 01: Edifício Louveira.



Fonte: Acervo da Biblioteca FAUUSP.

Figura 02: MuBE-Museu Brasileiro da Escultura



Fonte: Museu Brasileiro da Escultura. Acervo Fotográfico do MuBE

SURGIMENTO DO BRUTALISMO

O brutalismo na arquitetura, como movimento emergiu no pós-guerra, deixou uma marca distintiva nas décadas de 1950 a 1970, caracterizando-se por uma abordagem ousada e inovadora na utilização de materiais construtivos.

O termo “brutalismo” é multifacetado, categorizado como tendência, estilo e movimento. No entanto, sua definição precisa é desafiadora devido às diversas interpretações do termo em diferentes contextos. As múltiplas versões do brutalismo não devem ser consideradas isoladamente, mas sim contextualizadas conforme o entendimento do movimento em cada ocasião. Nesse sentido, é crucial revisitar a origem e disseminação do termo para uma compreensão mais abrangente do impacto do brutalismo na arquitetura.

A consolidação dos termos “Brutalismo” e “Novo Brutalismo” foram fortemente influenciados pelo crítico Reyner Banham, notável por suas publicações, como o artigo “*The New Brutalism*” de 1955 na “*Architectural Review*” e o livro “*The New Brutalism: Ethic ou Aesthetic?*” de 1966. Banham teve um papel crucial na consolidação do mito fundamental do brutalismo, moldando significativamente a compreensão do movimento. O Novo Brutalismo, conforme definido por Banham, representa simultaneamente um rótulo e um slogan, adotado conscientemente por arquitetos para descrever obras com similaridades, independentemente das aparentes diferenças em suas criações.

BRUTALISMO NA ARQUITETURA BRASILEIRA

Sendo mais proeminente nas décadas de 50 e 60, o brutalismo brasileiro foi amplamente influenciado por movimentos artísticos e arquitetônicos internacionais e por

arquitetos modernistas nacionais. O famoso arquiteto João Batista Vilanova Artigas, se destaca como uma figura proeminente associada ao brutalismo no Brasil, com sua abordagem funcionalista e socialmente engajada. Considerado um dos primeiros edifícios brutalistas do Brasil o Edifício Louveira, projetado por Vilanova é localizado em Higienópolis na cidade de São Paulo, foi concluído em 1958 e é emblemático desse período, apresentando uma expressão marcante do concreto aparente e formas geométricas distintas.

Outro arquiteto relevante para o brutalismo brasileiro é Paulo Mendes da Rocha, cuja obra é caracterizada pela simplicidade e pela exposição das características construtivas dos materiais. O MuBE- Museu Brasileiro da Escultura, concluído em 1988, é um exemplo notável de como o brutalismo se manifestou no Brasil, com destaque para a utilização expressiva do concreto aparente.

Além de João Batista Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, outros arquitetos brasileiros deixaram contribuições significativas para o movimento brutalista no país. Lina Bo Bardi, por exemplo, ficou conhecida por sua abordagem inovadora e compromisso com a funcionalidade e a estética, deixando sua marca distintiva no cenário arquitetônico brasileiro. O MASP -Museu de Arte de São Paulo (Figura 03), inaugurado em 1968, é um exemplo paradigmático de sua visão brutalista, destacando-se pela ousadia estrutural e pela ênfase no uso do concreto aparente.

Figura 03: MASP-Museu de Arte de São Paulo.



Fonte: Acervo Fotográfico do Jornal Estadão

Esses arquitetos, entre outros, desempenharam papéis fundamentais na consolidação e na disseminação do brutalismo no contexto brasileiro, deixando um legado que continua a inspirar e influenciar as gerações posteriores.

ESCOLA CARIOCA V.S. ESCOLA PAULISTA

A Escola Carioca diz respeito a produções dos arquitetos egressos da Escola Nacional de Belas Artes sediados no Rio de Janeiro que, se utilizando de inspiração o Brutalismo Europeu, trouxeram para o modernismo brasileiro características como liberdade formal, leveza estrutural e maior integração com a natureza. Essas características podem ser notadas no projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro-MAM RJ (Figura 04), fundado em 1948, de autoria de Affonso Eduardo Reidy, e no Edifício Gustavo Capanema (Figura 05), fundado em 1945, projetado por Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e por Affonso Eduardo Reidy.

Figura 04: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro-MAM-RJ.



Fonte: Acervo IMS

Figura 05: Edifício Gustavo Capanema.



Fonte: Acervo IMS

A partir de 1950, um movimento de ruptura da geração da Escola Carioca, distanciando-se da forma livre e exibicionista de Niemeyer, começa a ganhar destaque em São Paulo através da obra de Vilanova Artigas. “Essa ruptura acontece gradualmente, em consequência das próprias mudanças e evoluções dos estilos internacionais como Mies Van der Rohe e Le Corbusier” (Inojosa, 2019).

Enquanto a Escola Carioca trazia características como liberdade formal, leveza estrutural e maior integração com a natureza, a Escola Paulista, fazendo uma releitura do Brutalismo Europeu, trouxe para a cena brasileira questões de militância política, aliadas a uma arquitetura que enfatiza a técnica construtiva e valoriza a estrutura. “[...] de peculiar organização formal, espacial, construtiva e plástica, num esforço potencial para a formação de um estilo” (Zein, 2005).

Um aspecto comum entre as escolas era que ambas pregavam uma arquitetura moderna, desenvolvimentista, em busca de novos métodos e tecnologias de construção e seus projetos em concreto armado aparente demonstravam uma ligação estreita entre técnica e crítica.

As obras de Vilanova Artigas tinham um olhar focado para o social, sempre pensando os espaços públicos orientados contra a ideia de uma intimidade criada pela burguesia, o que originou a estreita relação entre interno e externo em seus edifícios, pensando a cidade em suas implicações sociais e políticas. Dentre suas produções; destacam-se a sede da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo-FAUUSP e o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado (Figura 06).

Figura 06: Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado.



Fonte: Nelson Kon

O edifício da FAU/USP (Figura 07) foi pioneiro e difusor das ideias em pauta e por isso, tornou-se símbolo do movimento. Uma série de elementos do edifício serve como base para a caracterização do brutalismo da Escola Paulista, são eles: investimento na modernização técnica da construção civil; a racionalização do desenho tendente aos esforços estruturais e à mecanização do canteiro de obras; continuidade espacial garantida pela adoção de rampas e de iluminação zenital; grandes vãos gerando extensos planos horizontais de concreto aparente, preocupando-se com a afirmação de uma linguagem, ao mesmo tempo, moderna e nacional.

Figura 07: FAU/USP



Fonte: Acervo da Biblioteca FAU/USP.

ARQUITETURA BRUTALISTA NA IDEALIZAÇÃO DE BRASÍLIA

A capital representa uma síntese do projeto de Juscelino Kubitschek e seu modelo de modernização do país, marcado pela priorização do traçado rodoviário frente a pujante indústria automobilística, e os ideais de uma arquitetura e urbanismo modernos.

Inserido nesse contexto de modernização, revolução construtiva e estética, a idealização de Brasília se tornou um campo fértil para o teste de novas ideias e práticas arquitetônicas resultando assim em um projeto que previa zoneamento de atividades, blocos de edifícios afastados e cruzados por grandes vias, aonde mesclavam-se o bucólico, o monumental, o social e o residencial.

A concepção de Brasília também marca o ápice da Escola Carioca, consolidando todo o pensamento dessa época, de acordo com Sylvia Ficher “a arquitetura moderna se difundia dogmaticamente Brasil afora até se transmutar no formalismo oficializado por Brasília” (2014). Somado a isso a construção da cidade coincide com o processo de alteração da expressão nacional arquitetônica, evidenciado pela autocrítica de Niemeyer publicada na revista Módulo de 1958, que apontava a falta de integração social das suas obras e o distanciamento entre a arquitetura e a realidade do povo brasileiro. Sendo assim, a arquitetura moderna estava se tornando muito técnica e funcionalista, distanciando-se das necessidades e do contexto social do país.

Dessa forma, a cidade foi construída em um momento em que a arquitetura nacional já buscava novos rumos. “Apesar do experimento de Brasília ser o grande apogeu da escola de arquitetura de tradição carioca, a construção da cidade marca o fim dessa tradição nos finais da década de 1950, e o início da escola paulista brutalista” (Neumann, 2019). Nesse sentido da cidade como um polo de irradiação intelectual e cultural surge a necessidade de uma universidade para a capital.

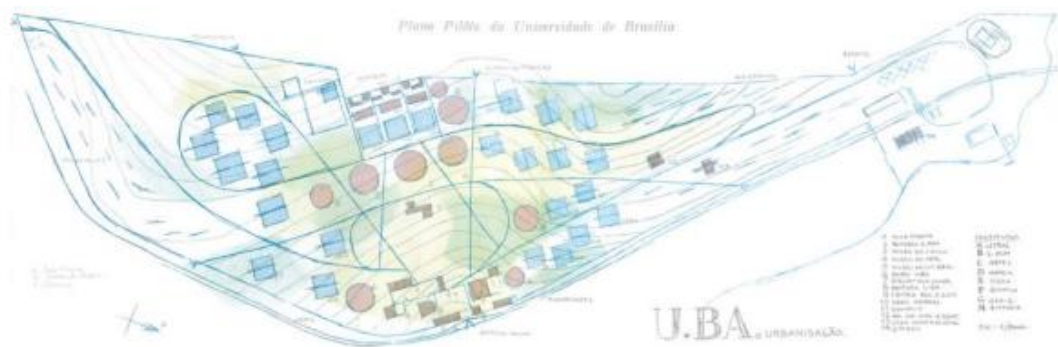
CAMPUS DARCY RIBEIRO

O Plano Piloto de Lúcio Costa já contava com a existência de uma cidade universitária e mesmo com uma área prevista para a construção do campus, a institucionalização da universidade não foi prioridade durante a construção de Brasília e era motivo de resistência por parte de autoridades.

A Universidade de Brasília (UnB), foi fundada em abril de 1962, sendo considerada por Darcy Ribeiro “[...] o projeto mais ambicioso da intelectualidade

brasileira”, tratava-se de “produzir na cidade inovadora uma gente nova, de mentalidade renovada, sem nenhum complexo de inferioridade colonial e sem nenhuma subserviência classista” (1978). O antropólogo, Darcy Ribeiro foi nomeado reitor, Anísio Teixeira ficou responsável pelo modelo pedagógico e o arquiteto Oscar Niemeyer tomou frente da materialização do campus. A inserção física do campus inicia-se pelo Plano Orientador desenvolvido por Lúcio Costa (Figura 08), uma forma de esboço que apresentava edificações dispersas e de forma setorizada.

Figura 08: Plano Piloto da UnB.



Fonte: Editora Universidade de Brasília (1962).

“Toda a área é cortada por estradas predominantemente curvas, que conformam, bem ao meio do Campus, uma vasta área gramada em torno da qual se situam os edifícios dos Institutos Centrais. [...] Uma área especial foi destinada aos serviços gerais, de restaurantes, lavanderias, comércio, etc. Entre esse conjunto e o Estádio Universitário, situado num dos extremos do campus, se localiza a área da residência de estudantes e professores” (Acrópole, 1970).

Na proposta de Lúcio Costa era prevista a Praça Maior que abrigaria a Reitoria, a Biblioteca, o Museu da Civilização e o Auditório, constituindo a entrada principal da universidade. O Centro de Planejamento Urbanístico da Universidade de Brasília (CEPLAN) surge em 1962 sob a coordenação do arquiteto Oscar Niemeyer, responsável pelo planejamento físico e o projeto das edificações do campus, além de promover aos alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo a oportunidade de desenvolver seus conhecimentos e adquirir prática e vivência profissional. Dada a urgente demanda por espaços físicos, surgem os primeiros edifícios do campus, de caráter provisório, OCA I e OCA II, projetados por Sérgio Rodrigues em um sistema composto por elementos pré-

fabricados de madeira, desenvolvido pelo próprio arquiteto. Os edifícios serviam de alojamento para aqueles que participavam da construção do campus, havia também um restaurante construído no mesmo sistema.

Anterior a inauguração da Universidade ocorre também as obras da Faculdade de Educação, composto por três edifícios, FE 1, FE 3 e FE 5, de autoria do arquiteto Alcides da Rocha Miranda, que presenteou a UnB com o projeto. O F1 (Figura 09) “caracteriza-se como um monobloco de estrutura em concreto armado com um avarandado que envolve todo o prédio e para o qual se voltam os corpos de salas de aula e dos departamentos, executados em elementos removíveis” (Acrópole, 1970).

Figura 09: Vista externa da Faculdade de Educação (FE 1) em construção, com madeiras de escoramento.



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB.

A partir da inauguração da Universidade e a consolidação do Ceplan, inicia-se uma nova fase frente a construção do campus. O debate da racionalização e industrialização da construção, a vivência dos arquitetos Oscar Niemeyer e João da Gama Filgueiras Lima (Lelé) na arquitetura industrializada dos países do leste europeu aliado a urgência por edificações no campus configura um terreno fértil para o desenvolvimento da arquitetura de pré-Moldados na UnB. O primeiro estudo nesse sentido após a criação do Ceplan foi o Protótipo desenvolvido por Niemeyer e Lelé, uma espécie de módulo de concreto que poderia, por meio de sobreposição de unidades, tornar-se uma habitação coletiva. Há, atualmente, apenas um único protótipo construído, pois as unidades seriam

construídas em uma usina de pré-fabricação que, apesar do forte impulso e planejamento inicial, não se tornou realidade (Schlee, 2014).

Portanto, é com a construção das edificações de Serviços Gerais (SG) que as primeiras experiências com pré-moldado saem do papel em cinco edificações, SG. 1, SG. 2 (Figura 10), SG. 4, SG 8 e SG. 10. A pré-fabricação foi, desde o início, a base construtiva dos projetos elaborados pelas equipes do Ceplan. Niemeyer e Lelé engajam aplicar elementos pré-fabricados nessas edificações para atender a urgência do cronograma de obras da UnB, assim como, para utilizar essa experiência para desenvolver e propagar essa tecnologia, viabilizando a produção de edificações dentro e fora do campus.

Locada na praça maior, o edifício é constituído por 3 pavimentos de concreto aparente, com o acesso principal no pavimento intermediário. “De feição brutalista, o partido adotado resulta em uma univolumentria, tripartida no sentido longitudinal” (Cavalcante, 2015), o sistema construtivo ordenado por uma malha 12×12 m suporta uma cobertura elevada nas extremidades que parece pousar sobre a estrutura dos brises, compostos por grandes placas verticais de concreto armado, possibilitando sombreamento e ventilação permanente. A extremidade do edifício é “[...] marcada e valorizada pelos pórticos de inspiração corbusiana, como os do Palácio da Assembleia de Chandigarh, 1962” (Schlee, 2013).

Figura 12: Fachada da Biblioteca Central (BCE). Vista lateral



Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB.

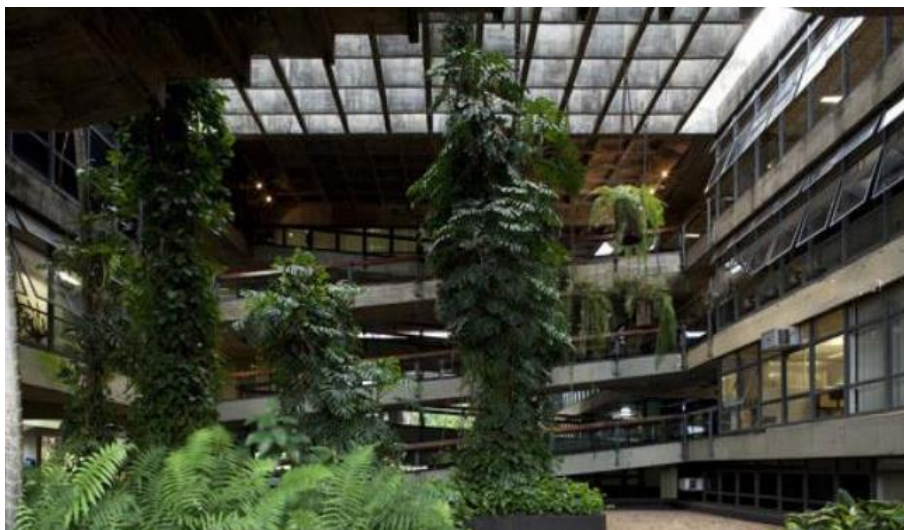
“Suas características fundamentais residem na criação de espaços internos modulados em função do equipamento básico da Biblioteca, assegurando plena flexibilidade de uso, e na adequação ao clima sem emprego compulsório de equipamentos mecânicos, tendo-se adotado o recurso de sombreamento e ventilação permanentes, por meio de sistemas construtivos” (Acrópole, 1970).

Em 1970, também se iniciam as obras do Centro Desportivo e da Casa do Estudante Universitário (CEU). O novo plano para o campus transferiu o alojamento estudantil para a área do Centro Desportivo. “A opção por apartamentos duplex, com mezanino, e a organização das células, com o recuo do nível inferior para locação da circulação horizontal geral, remete à Unidade de Habitação de Marselha (1947), de Le Corbusier” (Cavalcante, 2015).

A administração da UnB, em 1971, começou a planejar a construção do Restaurante Universitário na Praça Maior, considerado o principal ponto do campus, conforme o Plano Urbanístico de 1969. No entanto, essa escolha desagradou os militares, que viam nesse local um potencial foco de rebeldia e protestos, uma vez que, na época, grandes movimentos estudantis na Europa frequentemente começavam em restaurantes universitários. Para resolver a questão, o Ceplan realizou uma revisão do projeto urbanístico, afastando o restaurante da Reitoria e da Biblioteca e posicionando-o no eixo do minhocão. O projeto, de autoria de José Galbinski com a colaboração de Antônio Carlos Moraes de Castro, foi entregue em 1972 e inaugurado em 1975 “foi o primeiro restaurante universitário construído com essa finalidade no Brasil, e tornou-se referência para os demais que vieram a ser construídos” (Oliveira, 2016, p. 79).

A reitoria (Figura 13), projetada por Paulo Zimbres, define-se como uma megaestrutura de planta retangular dividida em dois blocos com planos em desníveis conectados por uma ampla rampa transversal. Há a franqueza de acessos, possibilitando a entrada por todos os lados do edifício, sem hierarquização dos setores que compõem o edifício. “A estrutura, em concreto aparente, é composta de pilares, vigas e uma grande grelha reticulada, que em certos momentos aparece vazada para permitir a entrada de luz e chuva para os jardins internos” (Cavalcante, 2015). A horizontalidade do partido, os desníveis, rampas, a grelha vazada e a relação interno externo do edifício assemelham-se bastante à FAU-USP de Artigas.

Figura 13: Reitoria.



Fonte: Leonardo Finotti

Além da biblioteca, a Casa do Estudante Universitário (CEU), o Restaurante Universitário e a Reitoria, essa época corresponde também ao desenvolvimento dos projetos do Centro Olímpico (CO), a Faculdade de Tecnologia (FT), o Núcleo de Medicina Tropical (NMT), a Faculdade de Ciências da Saúde (FS), a Faculdade de Direito (FD). Algumas características brutalistas marcam a FS e a FT, como: sua configuração em blocos locados em diferentes níveis respeitando o declive do terreno, a legibilidade estrutural presente ao separar visualmente a estrutura aparente em concreto armado, das vedações externas em alvenaria de tijolo aparente e ainda a presença de brises de proteção solar e de iluminação zenital por meio de *shed*. A estrutura e tijolos aparentes aliado aos brises constituídos por grandes placas de concreto dispostas em um *grid* ortogonal da FT também são características formais brutalistas.

As últimas obras citadas acontecem em um contexto de inúmeros conflitos políticos que antecederiam a redemocratização do país, sendo assim, a UnB enfrentava uma série de medidas autoritárias, greves estudantis e problemas de ordem financeira que resultaram na diminuição da demanda por projetos.

Durante os governos democráticos, a produção arquitetônica no campus da UnB foi marcada por intervenções de linguagens diversas. De acordo com Cavalvante “os projetos passaram a adotar tipologias arquitetônicas e construtivas diferenciadas entre si, o que contribuiu para quebrar a unidade do conjunto universitário” (2015), isso acontece pelo início das parcerias entre a UnB e organizações públicas e privadas e pela participação de profissionais externos a universidade, visto que até então os responsáveis

pelos projetos eram os próprios professores da FAU. Nesse período, acontecem as primeiras edificações em aço do campus, terminando assim o legado brutalista nas edificações do Campus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o brutalismo na arquitetura brasileira, tanto na Escola Paulista como na Escola Carioca, revela-se como uma manifestação marcante e influente que ecoa a ousadia e a inovação dos arquitetos modernistas. Desde os pioneiros como João Batista Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer até os desenvolvimentos posteriores na Universidade de Brasília, o movimento brutalista deixou um legado que transcendeu as fronteiras físicas das edificações.

Além de uma estética marcante, o brutalismo paulista demonstrou um compromisso com a técnica construtiva, a racionalização do desenho e a valorização da estrutura, já o brutalismo carioca tinha como foco principal a liberdade formal, a leveza estrutural e uma maior integração com a natureza, sendo que ambos representam um experimento corajoso e uma tentativa de unir modernidade, funcionalidade e expressão arquitetônica.

Apesar dos desafios políticos e econômicos enfrentados, o brutalismo deixou sua marca permanente na paisagem arquitetônica brasileira, continuando a inspirar e influenciar gerações futuras. A diversidade e a experimentação que caracterizaram esse período resultaram em uma riqueza de formas e estilos que ressoam ainda hoje no cenário arquitetônico nacional. Assim, o legado do brutalismo na arquitetura brasileira não é apenas uma questão de estética, mas também de uma abordagem filosófica e social que moldou e continua a moldar a maneira como concebemos e habitamos o espaço construído.

BIBLIOGRAFIA

ACRÓPOLE, R. “A estrutura da Universidade de Brasília. **Revista Acrópole**”, São Paulo, ano 31, N.º 369, p. 13–45, Janeiro 1970.

AGUIAR, Monica; Favero, Marcos. “Forma-estrutura. Matriz de expressão tectônica da FAUUSP”. **Arquitextos**. São Paulo, Vitruvius, ano 19, n. 223.04, 2018.

ARTIGAS, Rosa. “**Vilanova Artigos**. São Paulo: Terceiro Nome”, 2019.

BANHAM, Reyner. “The New Brutalism.” **Architectural Review**, 1955.

- BANHAM, Reyner. “**The New Brutalism: Ethic ou Aesthetic?**” 1966.
- BRUAND, Yves. “**Arquitetura Brasileira: Vanguardas e Vertentes**”
- CAMARGO, J. Mônica. “Escola Paulista, Escola Carioca. Algumas Considerações.” **Artigo Científico**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2020.
- CAVALCANTE, Neusa. “**Ceplan: 50 Anos em 5 tempos.**” Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.
- COLQUHOUN, Alan. “**Modern Architecture.**” Oxford University Press, 2002.
- CURTIS, William J. R. “**Modern Architecture since 1900.**” Phaidon Press, 1996.
- FRAMPTON, Kenneth. “**Modern Architecture: A Critical History.**” Thames & Hudson, 1980.
- GARGIANI, Roberto. “**Le Corbusier: Béton Brut and Ineffable Space**” 1940–1965.
- HIGHMORE, Ben. “Brutalism.” **MIT Press**, 2017.
- HOWARD, H. Seymour. “**Structure: An Architect’s Approach.**” New York, Mc Graw-Hill Book Company, 1966.
- MOSER, Benjamim. “**Brutalismo Tropical: Arquitetura na América Latina**”
- NEUMANN, Maria Eduarda. “Documentação do construído: reconhecendo e mapeando as residências unifamiliares brutalistas de Brasília.” **Dissertação de Bacharelado**. Instituto das Artes. Universidade de Brasília. Brasília, 2019.
- REIS, Ana Clara. “**Brutalismo Brasileiro: Vanguardas Internacionais e Arquitetura Nacional**”
- SEGAWA, Hugo. “**Brasil: Arquitetura do Século XX**”
- SILVA, Marcelo. “Equilíbrio estrutural e a industrialização da construção: primeira experiência em pré-moldado na UnB.” **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2020.
- SMITHSON, Alison, and Peter Smithson. “The New Brutalism.” **Architectural Design**, vol. 26, no. 6, 1956
- TELLES, S. S. “Arquitetura Modernista-Um espaço sem lugar.” **Caderno de Textos**, Ed. FUNARTE/MEC, v. 3, 1983.
- ZEIN, Ruth Verde. “A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953 – 1973”. **Dissertação de Doutorado**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Paulo e Porto Alegre, 2005.
- ZEIN, Ruth Verde. “A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960–70”. **Arquitextos**, São Paulo, Vitruvius, ano 07, n. 076.02, 2006.